

Literalmente eu: a misoginia *pop* do Cinema *Sigma*

Literalmente Yo: la misoginia pop del cine
Sigma

Título inglês: Literally me: the pop misogyny of
Sigma cinema

BERNARDO DEMARIA IGNÁCIO BRUM¹,
ERICK FELINTO²

Resumo: Este estudo investiga como a "manosfera", comunidade online masculina, apropria-se de filmes populares para promover sua própria agenda. Paralelamente, busca-se identificar como tensões e conflitos políticos se corporificam no contexto de mecanismos próprios da cultura digital (por meio da memética e de uma lógica da viralidade e replicação, por exemplo). Mina (2019) é referenciada para discutir o papel da cultura memética na atuação da chamada *alt-right*, em meio a uma guerra cultural analisada por Nagle (2017) e Rhodes (2021). Com essa base teórica, são identificadas as características comuns entre o uso político de representações sociais de homens oprimidos e seus reflexos no mundo real.

Palavras-chave: cinema; política; *manosfera*; internet

Resumen: Este estudio investiga cómo la «manosfera», una comunidad online masculina, se apropia de películas populares para promover su propia agenda. Al mismo tiempo, se busca identificar cómo las tensiones y los conflictos políticos se materializan en el contexto de los mecanismos propios de la cultura digital (a través de la memética y de una lógica de viralidad y replicación, por ejemplo).

¹ Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista CAPES. Email: bernardodibrum@gmail.com.

² Doutor em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com pós-doutorado em Estudos de Mídia pela Universität der Künste Berlin. Professor Titular do Departamento de Teoria da Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Email: erickfelinto@gmail.com.

Se hace referencia a Mina (2019) para discutir el papel de la cultura memética en las acciones de la llamada *alt-right*, en medio de una guerra cultural analizada por Nagle (2017) y Rhodes (2021). Con esta base teórica, se identifican las características comunes entre el uso político de arquetipos de hombres oprimidos y sus reflejos en el mundo real.

Palabras clave: cine; política; *manosfera*; internet.

Abstract: This study investigates how the "manosphere", a male online community, appropriates popular films to promote its own agenda. At the same time, the aim is to identify how political tensions and conflicts manifest themselves within the context of mechanisms specific to digital culture (through memetics and a logic of virality and replication, for instance). Mina (2019) is referenced to discuss the role of memetic culture in the actions of the so-called alt-right, in the midst of a cultural war analyzed by Nagle (2017) and Rhodes (2021). With this theoretical basis, common characteristics are identified between the political use of social representations of oppressed men and their reflections in the real world.

Keywords: cinema; politics; manosphere; Internet

Introdução

No linguajar da internet, o termo "*sigma male*" é usado para descrever indivíduos competentes, mas reservados e solitários. Segundo o site *Know Your Meme*, o uso da letra grega para categorizar estratos masculinos foi popularizado por Theodore Robert Beale, também conhecido como Vox Day, um autor e ativista de extrema direita, que definiu em seu blog:

Sigma: Os desajustados que não jogam o jogo social e mesmo assim conseguem ser vitoriosos nele. Os alfas odeiam os sigmas porque eles são os únicos homens que não aceitam ou ao menos reconhecem sua dominância social (Obs.: alfas odeiam serem alvos de risadas e um sigma pode enfurecer um alfa por simplesmente sorrir para ele). Todas as outras pessoas sentem-se vagamente confundidas diante dele. Na festa, é o cara que pára para cumprimentar alguns amigos acompanhado por uma garota de primeira categoria que ninguém nunca viu antes. Sigmas frequentemente gostam de mulheres, mas também tendem a desdenhá-las (Beale, 2010)

O termo "sigma" cresceu em popularidade até 2021, quando a usuária do antigo *Twitter* @LilySimpson1312 viralizou ao compartilhar imagens sobre "homens sigma", alcançando mais de 190.000 curtidas, 11.000 citações e 25.000 compartilhamentos em menos de 24 horas, sendo a primeira exposição do público ao termo.

Imagem 1: o *tweet* que popularizou o termo. Fonte: Know Your Meme



Fonte: Know your Meme

O termo "sigma" se relaciona à ideia biológica de hierarquias animais, conectando-se à expressão "macho alfa", originada no livro *Chimpanzee Politics: Power and Sex Among Apes* (1989) de Frans de Waal. O comportamento "alfa" popularizou a figura do homem dominante. Este artigo focaliza a reconstrução dessa masculinidade clássica por comunidades ativistas online através da apropriação de filmes. Partindo da revolução sexual dos anos sessenta até a cultura de interação virtual, que disseminou grupos masculinos em espaços *online*, exploraremos a história dessa figura.

Analisaremos como certos filmes foram apropriados nos horizontes específicos de uma subcultura na qual os valores do "masculinismo" são dominantes. Em outras palavras, estaremos lidando, neste artigo, com uma comunidade interpretativa que opera estratégias de leitura semiótica desviantes e altamente programadas. De acordo com o entendimento de Stuart Hall a respeito das práticas de codificação e decodificação culturais (1980), a noção de apropriação emerge como uma interação complexa entre os sentidos codificados em um objeto cultural e as técnicas de leitura específicas que operam como guias interpretativos da subcultura. Evidentemente, nenhuma comunidade é isenta de tensões internas e dissensões. Todavia, a adesão da *manosfera*³ a um conjunto básico de valores fundamentais compartilhados produz uma espécie de máquina

³ Em inglês: "manosphere", termo utilizado para definir as comunidades online que se agregam em torno das ideias da supremacia masculina na sociedade e do combate ao feminismo como prática política. A noção será aprofundada na seção II deste artigo.

interpretativa assentada em um imaginário cultural que orienta leituras e formas de consumo.

Partindo da noção de “imaginários culturais” utilizada por Kolvraa e Forchtner em seu estudo sobre os “mundos alternativos” da extrema direita (2025), buscaremos, a exemplo desses autores, identificar características comuns e padrões simbólicos nas obras, comparando-as com padrões demográficos de tais grupos para examinar se a representatividade, uma bandeira tipicamente progressista, foi reinterpretada a partir de uma ideologia específica de hegemonia masculinista. Trata-se, em suma, de examinar discursivamente como os afetos e inclinações específicos dessa subcultura geram “sentidos oposicionais” (The Fieldwork Group, 1980: p. 478) que transgredem os sentidos originalmente codificados nos produtos, adequando-os às sensibilidades da comunidade. Também se investigará obras que satirizam ou criticam o fenômeno, usando suas representações conhecidas para comentar e/ou desconstruir o tema. A escolha desses diferentes produtos culturais (filmes, memes, imagens digitais etc) se deu a partir de uma coleta nos próprios ambientes digitais nos quais a *manosfera* atua, em sites como *Tumblr*, *Reddit* ou redes sociais conservadoras, bem como a partir de indicações da bibliografia utilizada.

Ação e Reação: feminismo, revolução sexual e masculinismo

Na década de 1960, a Segunda Onda do Feminismo foi uma das principais revoluções culturais do Ocidente. Em meio à polarização da Guerra Fria, diversos movimentos, como o feminismo, a luta antirracista, a contracultura hippie e as greves estudantis de maio de 1968 na França, desafiaram o *status quo*. A Segunda Onda do Feminismo focou na discussão do papel da mulher na sociedade, abordando temas como direitos reprodutivos, representados pela pílula anticoncepcional, e o direito ao aborto (caso *Roe v. Wade*, 1973 nos EUA), bem como críticas à cultura patriarcal, exemplificadas pelo movimento brasileiro “quem ama não mata”, em 1976, que exigia a condenação de Doca Street pelo assassinato de Angela Diniz.

As revoluções das décadas de 1960 e 1970 provocaram reações: líderes do movimento negro foram presos, a contracultura *hippie* evoluiu para a “ideologia californiana”, que mesclou ideias progressistas e neoliberais. Após cerca de uma década, líderes conservadores como Ronald Reagan e Margaret Thatcher surgiram, promovendo ideologias privatistas e anti-

sindicais. No contexto feminista, a disputa sobre a cultura patriarcal envolveu o reconhecimento de uma “masculinidade hegemônica”, conforme sugerido por Connell (2005). Trata-se de uma espécie de *ethos* da existência masculina que tende a impor seus valores sobre outros modelos possíveis. “Aqueles que rejeitam o padrão hegemônico têm de lutar ou negociar sua saída” (2005, p. 37). Connell identifica ainda pilares fundamentais de estruturação das práticas sociais, incluindo relações de poder com subordinação das mulheres e domínio dos homens, relações de produção que dividem o trabalho por gênero na sociedade capitalista, e a *catexia*, a conexão entre desejo e energia libidinal. As práticas de expressão do desejo levantam questionamentos sobre heterossexualidade e a posição masculina de dominação social (ibid., p. 75).

A autora usa “hegemônica” no sentido gramsciano, referindo-se à dinâmica cultural onde um grupo mantém liderança na vida social, com pouca presença de mulheres ou homens não-normativos nos estratos sociais superiores, como negócios, exército e governo. Todavia, a dominância da masculinidade ocidental foi desafiada desde o fim do século XIX, durante a Primeira Onda do Feminismo, que demandava sufrágio universal, direito ao trabalho e à propriedade para mulheres. Essa desestabilização gerou respostas, capitaneadas por autores como Ernest Belfort Bax, que publicou obras críticas ao movimento feminista, como *The Legal Subjection of Men* (1908) e *The Fraud of Feminism* (1913). Em momento historicamente posterior, destaca-se o papel do fascismo como uma “reafirmação nua” da masculinidade hegemônica, associada a imagens de sangue, vontade e violência, o que acabaria contribuindo para conflitos globais (Connell, 2005, p. 193).

Esse foi igualmente o tema do celebrado estudo de Klaus Theweleit, *Männerphantasien*, no qual se examina o imaginário do feminino entre os membros das *Freikorps*, tropas mercenárias paramilitares que prepararam o caminho para o nazismo na Alemanha dos anos 1920. O terror e as ansiedades geradas pela figura feminina nesses grupos protofascistas terminaram por abafar toda distinção de classe em prol de uma lógica identitária inteiramente baseada na noção de gênero. Ali, as mulheres são roubadas de sua sexualidade e transformadas em “objetos inanimados (*unbelebten Gegenstand*)” (1982, p. 86). O livro de Theweleit, publicado originalmente em fins dos anos 1970, não somente teve enorme impacto no campo dos estudos de gênero senão que também inspirou trabalhos

contemporâneos, que lidam, inclusive, com a manosfera, como *Fantasy, Online Misogyny and the Manosphere*, de Jacob Johanssen (2022). É, por exemplo, da combinação entre Theweleit, Reich e Young-Bruehl que o autor afirma derivar a noção de “des/inibição” (*dis/inhibition*) – expressiva das contradições que marcam o desejo masculino nos espaços da manosfera: ao mesmo tempo composto de apatia e poder simbólico tóxico, liberdade sexual e inibição de pulsões, fragilidade psíquica e vontade de controle (2022, p. 4).

Como todos os outros movimentos de direitos civis que enfrentaram reações, a Segunda Onda do Feminismo motivou a formação do Movimento dos Direitos dos Homens (*Men's Right Movement*, ou MRM), desvinculado do Movimento de Liberação dos Homens, que era pró-feminista. Influenciado por obras como *The Hazards of Being Male* (Os Perigos de Ser Homem, 1975) de Herb Goldberg e *O Mito do Poder Masculino* (1993) de Warren Farrell, o MRM abordou questões como custódia feminina preferencial e visou aumentar a conscientização sobre a mortalidade masculina, predominância entre suicidas, moradores de rua e acusados de estupro. Com a ascensão da internet, essas condições permitiram que o movimento periférico alcançasse o *mainstream* da cultura, colaborando, posteriormente, para a emergência da “manosfera”.

Manosfera

A “manosfera”, articulada inicialmente por volta de 2009, é um termo que descreve coletivamente grupos online que reagem de maneiras diversas ao feminismo. Além dos blogs, essa comunidade utiliza plataformas como *subreddits* (comunidades específicas no *Reddit*) e o *4Chan* (uma rede de compartilhamento de imagens) para se organizar. Apesar de tais plataformas serem locais de resistência ao status quo, como demonstrado pelo grupo *Anonymous*, também serviram, paradoxalmente, como base para a articulação da manosfera, convergindo com a chamada direita alternativa (*alt-right*). A história dessa conquista de territórios online pelo pensamento reacionário tem sido feita por autores como Angela Nagle. Definindo o fenômeno como uma “contrarrevolução”, Nagle acompanha as etapas de uma progressiva transição ideológica do que se poderia definir como libertarianismo radical ao mais extremo conservadorismo. Foi em determinados espaços online como o *4Chan* que se encenou a emergência da *alt-right*, devotada a combater a concessão de direitos a minorias, as

ameaças das massas migratórias ao primeiro mundo e os perigos da democracia liberal. Como observa a autora, “uma das coisas que ligava a cultura chan, frequentemente niilista e irônica, à órbita mais ampla da cultura da *alt-right* foi sua oposição ao politicamente correto, ao feminismo, ao multiculturalismo, etc” (2017, p. 16). Desse modo, tudo que era categorizado com a ideia de diferença recebia automaticamente uma valência negativa. Ali, a manosfera encontrou ambiente favorável ao desenvolvimento de sua filosofia misógina.

Segundo a taxonomia de Lily (apud Ribeiro et al., 2021), a manosfera é composta por quatro grandes grupos: Ativistas pelos Direitos dos Homens (MRA), que lutam contra a discriminação masculina; Homens Seguindo Seu Próprio Caminho (MGTOW), que se opõem aos relacionamentos com mulheres; Artistas da Sedução (PUA), que ensinam técnicas de conquista controversas; e Celibatários Involuntários (*Incel*), unidos pelo sentimento de rejeição sexual e hostilidade em relação às mulheres (Ribeiro et al., 2021, p. 197).

A manosfera adota como símbolo central a imagem da “pílula vermelha” inspirada no filme *Matrix* (1999), no qual a escolha entre a pílula azul e a vermelha representa optar por viver em estado de ilusão num universo virtual gerado por supercomputadores ou despertar para a crua realidade de um mundo pós-apocalíptico. Tomar a “pílula vermelha”, ou ser “redpillado”, segundo tais grupos, figura uma espécie de despertar místico para uma realidade na qual se crê que homens são socialmente prejudicados, ao passo que as mulheres sempre obtêm tudo o que desejam. Existe ainda uma terceira variante, os “blackpillados”, comuns entre os *incels*, que adotam a metáfora da “pílula preta” para simbolizar a desistência de qualquer ideia de autoaperfeiçoamento (Kelly; DiBranco; DeCook, 2021, p. 19).

É importante destacar o impressionante crescimento da manosfera desde a primeira década dos anos 2000 até agora: pesquisa de Ribeiro et al. (2021) identificou quase 2 milhões de tópicos e cerca de 29 milhões de postagens de quase um milhão de usuários em fóruns e *subreddits*. Segmentos do grupo inclusive incitam eventos criminosos, muitas vezes motivados por hostilidade contra minorias. O chamado “*Gamergate*”, de 2014, é um exemplo, no qual internautas reunidos sob o estandarte de “combater o politicamente correto” perseguiram mulheres ligadas ao universo dos videogames, recorrendo a

ameaças de estupro e *doxxing*⁴ - acontecimento descrito por Johanssen como a primeira “guerra cultural na internet” (2022, p. 11). Por guerra cultural, entende-se o conflito entre grupos sociais distintos na disputa pela supremacia de seus valores. Originado no livro *Culture Wars* (1991), de James Davison Hunter, o termo se popularizou no Brasil durante o governo Bolsonaro (Castro Rocha, 2021), passando ao vocabulário corrente da política como expressão de visões de mundo antagônicas e em conflito (em geral, a direita política conservadora contra a esquerda progressista).

Ainda que nem sempre se manifeste em ações violentas concretas, a cultura *red pill* se caracteriza por uma permanente hostilidade contra o sexo feminino. Como mencionado anteriormente, Johanssen (2022) explora essa dinâmica usando o conceito de “des/inibição”, ligado à reação contra a desestabilização causada por avanços femininos no trabalho e na expressão sexual. A ideia se aproxima da abordagem corporal de Wilhelm Reich em *Psicologia de Massas do Fascismo* (2001), sobre uma batalha que ocorre no corpo e na expressão física dos homens cisgênero.

Seus corpos são estruturados por estados de des/inibição: apatia e poder simbólico tóxico, contradições de desejo, forças afetivas e o empurra-e-puxa do inconsciente. Seus egos são frágeis, e eles se sentem ameaçados por mulheres, sexualidade feminina e o (alegado) poder que mulheres têm hoje. Ao mesmo tempo, esses homens sentem-se indesejados e inadequados. Eles respondem a tais sentimentos existenciais de falha restringindo e excluindo a si mesmos, sentindo-se alienados como parte de coletivos online particulares e ao mesmo tempo entrando em erupção com fantasias de onipotência que os colocam em controle e constroem uma mulher cis genérica como Outro. Este Outro carrega similaridades em como Judeus são construídos por antissemitas e como sujeitos que não são brancos são construídos por racistas: sexualmente promíscuos, manipuladores, enganadores, sedutores e contagiosos (Johanssen, 2022, p. 4)

A construção do Outro, centrada no corpo feminino, está relacionada ao conceito freudiano da “inveja do pênis”, conforme Johanssen (2022, p. 15). A ascensão do feminino como força política é percebida como uma castração simbólica, na visão lacaniana da ausência de algo universal imaginário. Essa perda de poder é expressa por atos hostis, uma tentativa de recuperar a sensação de domínio. Payne (2022, p. 14) identifica o *red pill* como uma ideologia assentada na crença inabalável dos valores científicos de ideias como “valor sexual de mercado” (VSM)⁵ e hipergamia (denotando uma

⁴ Termo que define ataques realizados na Internet nos quais os dados pessoais de um indivíduo são expostos publicamente com finalidade de assédio.

⁵ Valor sexual de Mercado - Como você pode se tornar mais atraente aumentando seu valor?. - Disponível em: <https://diogenesclub.com.br/o-significa-vsm-valor-sexual-mercado/>. Acesso em 19 jan. 2024.

suposta preferência feminina por homens dominantes) O rótulo de ideologia é um problema para a comunidade *red pill*, dada a importância que atribuem à cientificidade de suas premissas, muitas vezes buscando apoio em disciplinas como a psicologia evolutiva.

A retórica da direita política, que se autoproclama não-ideológica e tecnicamente fundamentada, é pano de fundo comum para os filosofemas da *red pill*. Conforme descreve Mandel (1982, p. 352-354), em sua tese sobre o capitalismo tardio, essa abordagem busca eliminar contradições, promovendo uma visão limitada pela "racionalidade tecnológica" e governada por um "poder autônomo de força invencível" – no qual o indivíduo é subordinado às leis do mercado e a especialistas.

Hoje em dia, os interesses de classe e as leis econômicas de desenvolvimento da ordem social vigente (incluindo as leis da concorrência, cuja soma de "acidentes" produz o concorrente mais forte num momento específico, num mercado específico) governam as decisões tecnológicas básicas. (Mandel, 1982, p. 354).

Lobos solitários contra o mundo: literalmente eu?

A ideologia *red pill* frequentemente recorre à metáfora da "selva de pedra," na qual homens buscam conquistar seu lugar e "vencer o sistema." O ideal do Sigma é encapsulado no conhecido meme dos filmes que são "literalmente eu", originado quando o usuário "avvocarlo" postou uma imagem no Tumblr com protagonistas de filmes *Blade Runner 2049* (2017), *Taxi Driver* (1976), *O Lugar Onde Tudo Termina* (2012), *Drive* (2011), *Clube da Luta* (1999) e *Laranja Mecânica* (1971) expressando o pensamento: "Uau, isso é literalmente eu!". O meme teve mais de 4.000 compartilhamentos, sendo reinterpretado em diversas redes sociais nos dias seguintes.

Imagem 2: O post que deu origem ao meme “Literalmente eu”. Fonte: Know Your Meme.



Fonte: Know your Meme

A identificação no cinema, segundo Metz (1980, p. 56), é uma experiência secundária e contínua nos filmes narrativos; o espectador, ausente da tela, trabalha simbolicamente, acessando o imaginário percebido como instância constituinte. Ele organiza e localiza isso numa continuidade individual, resultando em uma última identificação consigo mesmo (Metz, 1980, p. 59). Metz argumenta que o Eu no cinema é um sujeito transcendental, mas radicalmente iludido, sendo o criador dos significados a partir da linguagem cinematográfica, um jogo de identificação que organiza as imagens e ancora nossa percepção (idem, p. 62).

(...) o espelho segundo do écran, aparelho simbólico, assenta por sua vez no reflexo e na carência. Todavia, não é o fantasma lugar “puramente” simbólico-imaginário visto que a ausência do objeto, e os códigos desta ausência, são nele efetivamente produzido pela physis de uma utensilagem: o cinema é um corpo (um corpus, para o semiólogo), um feitiço de que se pode gostar. (Metz, 1980, p. 67-68)

Na era de avanços sociais rápidos nos direitos das mulheres, o homem conservador percebe seu lugar no jogo de identificação ameaçado por mudanças sociais. A "des/inibição" de Johanssen (2022), relacionada à apatia e poder simbólico, dialoga com os pilares de Metz: reflexão e carência. Pode-

se evocar, ainda, aquilo que Butler (2021) discute sobre o discurso do ódio como política performativa contemporânea de reafirmar o *status quo*:

A ênfase no performativo ressuscita fantasticamente o performativo na linguagem, estabelecendo a linguagem como um lugar deslocado da política e especificando que esse deslocamento é impulsionado por um desejo de retornar a uma configuração do poder mais simples e tranquilizadora, na qual a suposição da soberania permanece segura (BUTLER, 2021, p. 234)

Segundo Butler (2021, p. 132-133), o discurso do ódio prospera com a permissividade estatal, sendo perpetuado por "performativos soberanos" capazes de concretizar suas ameaças. A performance é valorizada como meio de recuperar poder. Essa dinâmica é evidente em sites sobre masculinidade que exaltam os filmes "literalmente eu" e os personagens Sigma. O *Literally Me Movies*, por exemplo, advoga pelos protagonistas sombrios e distorcidos desses filmes, destacando a inveja do poder soberano e a necessidade de performance para recuperá-lo por meio de atos simbólicos.

Você deve estar dizendo, "o que masculinidade tem a ver com esses personagens horríveis? Vamos analisar. No mundo de hoje, homens masculinos estão saindo de moda, perdendo o lugar na corrida de ratos da sociedade e são uma espécie em extinção. Nós pensamos em homens masculinos como O Exterminador do Futuro, Magnum PI, Conan O Bárbaro. Onde estão esses homens hoje em dia?

Não há lugar para esse tipo de pessoas mais, eles são evitados pela sociedade por conta da "masculinidade tóxica" deles, e como filmes agem para a maioria das pessoas? Uma fuga. Uma fuga para um mundo onde esses homens são capazes de ver seus sonhos realizados, seus sonhos de serem o herói, de ser o escolhido, de salvar o dia. Estas são as razões porque uma nova geração de homens foi capazes de ser tão unidas a esses personagens (Colon, 2012)

Esse discurso muitas vezes distorce a intenção original dos filmes: *Matrix* (1999) é interpretado como alegoria para homens despertarem do domínio feminino; a paródia da cultura *yuppie*, em *Psicopata Americano* (2000), e a crítica ao sensacionalismo midiático, em *O Abutre* (2014), são usadas como exemplos de independência masculina. Essa retórica é frequentemente repetida na interpretação dessas obras.

Filmes "literalmente eu" fazem o que arte deve fazer. Toca as pessoas em algum lugar, coça uma coceira, massageia o ponto estirado. Talvez eles sejam até mesmo uma válvula de pressão expressando algo que um número crescente da população não pode expressar para uma população que não vai ouvir de qualquer jeito. Todos os personagens dos filmes dizem algo sobre modernidade e vivê-la nos tempos atuais. Os heróis são sempre anti-heróis bastante falhos ou até mesmo vilões. Vários deles são apenas caras normais que romperam vários degraus. (Thompson, 2023)

De fato, essa citada alienação social é elemento recorrente em várias obras. Em *Taxi Driver* (1976), Travis Bickle, um veterano da Guerra do Vietnã, não consegue se adaptar à sociedade novaiorquina e nutre ódio pela

"sujeira" das ruas. Em *Clube da Luta* (1999), o protagonista sem nome sofre de insônia e só encontra alívio ao participar de reuniões clandestinas lideradas por Tyler Durden, onde homens extravasam suas frustrações por meio de brigas. Nagle (2017, p. 113) destaca que Durden "encarna a afirmação da masculinidade rebelde contra a conformidade emasculada da sociedade de consumo e a timidez feminilizada pós-industrial do colarinho branco", representando a liberdade do controle feminino em seu ímpeto revolucionário:

Nós somos os filhos do meio da história, sem propósito ou lugar. Não tivemos Grande Guerra, não tivemos Grande Depressão. Nossa grande guerra é a guerra espiritual, nossa grande depressão é a nossa vida. Fomos criados pela televisão para acreditar que um dia seríamos ricos, estrelas de cinema e da globo. Mas não seremos. E estamos aos poucos aprendendo isso. E estamos muito, muito revoltados. (Clube da Luta, 1999)

A frustração sexual e a rejeição do feminino são temas recorrentes. O Narrador de *Clube da Luta* vivencia uma relação de atração e repulsão com Marla Singer. O Motorista de *Drive* (2011) se apaixona pela esposa de um criminoso, enquanto Arthur Fleck em *Coringa* (2019) mantém uma relação imaginária com a vizinha, e o Agente K. tem uma conexão com uma inteligência artificial em *Blade Runner 2049* (2017). Personagens sexualmente ativos veem sexo como moeda de troca, como Lou Bloom, em *O Abutre* (2014), que seduz sua chefe com sua ambição. Não surpreendentemente, essa tendência de culpar outros ou abandonar contratos sociais para agir de maneira niilista ecoa em uma geração afetada por questões como desemprego, segurança, custo de vida⁶, menor atividade sexual⁷ e na instrumentalização política de inquietações sociais, como aponta Reich.

De modo geral, como demonstram Kolvraa e Forchtner em seu estudo sobre os reviews de filmes em *websites* da extrema direita, "as imagens ideais da mulher como esposa e mãe, assim como suas contrapartes abomináveis na figura da fêmea corrupta da relação interracial ou a homossexual, são ainda, sem dúvida, o modo dominante de representação das relações de gênero" (2025, p. 145). Não por coincidência, os autores

⁶ Desemprego, segurança e custo de vida preocupam geração z e millennials. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2022/06/01/desemprego-seguranca-custo-de-vida-geracao-z-millennials.htm>. Acesso em: 27 jan. 2024.

⁷ 'Apagão sexual': atual geração de jovens faz menos sexo do que as anteriores. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/interessa/apagao-sexual-atual-geracao-de-jovens-faz-menos-sexo-do-que-as-anteriores-1.2448618>. Acesso em: 27 jan. 2024.

definem precisamente como niilista uma dimensão específica do imaginário da extrema direita no qual o feminino é responsável pela falsidade do mundo – um problema contra o qual se insurgiriam os protagonistas masculinos, empenhados em retomar das antagonistas femininas o domínio do desejo sexual e a autenticidade da existência (2025, p. 146).

O ideário Sigma como estratégia política e a guerra contra a cultura *woke*

O personagem politicamente incorreto, que age sem se preocupar com a opinião alheia, ganhou popularidade com a ascensão de líderes identificados com a extrema-direita, como Jair Bolsonaro (Brasil), Donald Trump (Estados Unidos), Boris Johnson (Reino Unido) e Javier Milei (Argentina). O êxito político desse perfil popularizou fenômenos como a disseminação de notícias falsas (*fake news*) para difamar adversários, além de um marketing focado em exaltar a figura do político outsider, um ícone que combate a corrupção sozinho em sua luta contra a política “tradicional” e a “ditadura do politicamente correto”.

O ativismo dessas milícias também utiliza a estratégia retórica conhecida como apito de cachorro (*dog whistle*), enviando mensagens criptografadas para quem consegue decodificá-las, ao mesmo tempo que aliena o menor número possível de pessoas, como esclarece Lohrey (2006, p. 46). No Brasil, o slogan “Deus, Pátria, Família e Liberdade” da campanha do ex-presidente Jair Bolsonaro ecoa slogans do fascismo português e do integralismo brasileiro, “Deus, Pátria e Família”⁸. A eventual radicalização resulta em atos de extremismo político, como o assassinato do guarda municipal Marcelo Aloizio de Arruda, tesoureiro do Partido dos Trabalhadores em Foz do Iguaçu, durante sua festa de aniversário, pelo policial penal Jorge José da Rocha Guaranho, autodeclarado eleitor de Bolsonaro em suas redes sociais⁹.

O fenômeno da guerra cultural converge com o imaginário *sigma/red pill*. Mina (2019, p. 17 e 114) destaca como as culturas extremistas empregam a

⁸ 'Deus, Pátria, Família': de onde veio o lema fascista usado por Bolsonaro? Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/08/29/deus-patria-familia-lema-de-bolsonaro-tem-origem-fascista-entenda.htm>. Acesso em: 27 jan. 2024.

⁹ Morte de guarda municipal petista em festa de aniversário temática do PT repercute na imprensa internacional. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/07/morte-de-guarda-municipal-petista-em-festa-de-aniversario-tematica-do-pt-repercute-na-imprensa-internacional.ghml>. Acesso em 27 jan. 2024.

estratégia do meme, que define como uma "peça de mídia online compartilhada e remixada ao longo do tempo dentro de uma comunidade", com poder de criar uma comunidade própria, utilizando termos como *snowflakes* (flocos de neve) para se referir à sensibilidade feminilizada de progressistas, direcionando sensibilidades, segundo Marwik e Lewis (2017, p. 11):

Movimentos de extrema direita exploram a rebelião de jovens homens e desgosto por “politicamente correto” para propagar pensamento supremacista branco, Islamofobia, e misoginia através de ironia e conhecimento da cultura da internet. Esta é uma forma de radicalização que acontece primordialmente através de fóruns, quadros de mensagens, e mídias sociais mirando jovens homens imersos na cultura da internet. (Marwik; Lewis, 2017, p. 29)

A radicalização ocorre por meio de um imaginário, e uma forma estratégica de materializá-lo é a nova configuração da relação entre mídia, cultura e sociedade, onde as duas primeiras funcionam como máquinas de capturar os corações e mentes. Um exemplo cinematográfico nesse contexto de guerra cultural teve lugar quando Hillary Clinton, ao se referir a certos eleitores de Trump como "pertencentes a uma cesta de deploráveis", viu Trump se apropriar do filme de Sylvester Stallone, *Os Mercenários* (2010), para denominar em suas redes sociais seu grupo como "Os Deploráveis" (MINA, 2019, p. 115). O pôster inclui uma releitura do Sapo Pepe, identificado com certa comunidade extremista do *4chan* e citado pela *Anti Defamation League* como símbolo de ódio¹⁰. Não surpreende a associação feita com um filme em que Sylvester Stallone reuniu astros do cinema de ação para celebrar uma época de filmes centrados em personagens "exércitos de um homem só".

¹⁰ *Pepe The Frog*. Disponível em: <https://www.adl.org/resources/hate-symbol/pepe-frog>. Acesso em 27 jan. 2024.

Imagem 3: “Os Deploráveis” de Trump: O conservador estetizado como herói de ação



Fonte: Know Your Meme.

Essa guerra midiática entre conservadores, *Sigma*, e *red pill* contra os *woke*, progressistas e afins, representa uma interessante reconfiguração da interação entre política, cultura e mídia. Em A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica, Walter Benjamin distingue esse conflito usando dois termos: a politização da arte, associada ao comunismo, e a estetização da política, associada ao fascismo.

Nos grandes desfiles, nos comícios gigantescos, nos espetáculos esportivos e guerreiros, todos captados pelos aparelhos de filmagem e gravação, a massa vê o seu próprio rosto. (...) As massas têm o direito de exigir a mudança das relações de propriedade; o Fascismo permite que elas se expressem conservando, ao mesmo tempo, essas relações. (...) Todos os esforços para estetizar a política convergem para um ponto. Esse ponto é a guerra. A guerra, e somente a guerra, permite dar um objetivo aos grandes movimentos de massa, preservando as relações de produção existentes. (Benjamin, 2018, p.194-195)

O ideário fascista igualmente exalta o herói diante das adversidades, assim como o político *anti-establishment*. Logo, incluir protagonistas diversos e temas sociais nos produtos culturais torna-se problemático para esses grupos, pois transforma o entretenimento em algo político, quando o objetivo deveria ser a apreciação estética da prática política.

O Ur-Fascismo é a estetização da política em seu maior expoente (Paxton, 2007, p. 39). A destruição se torna bela. Benjamin (1994, p. 196) dizia que “a alienação chegou a tal ponto que a humanidade é capaz de experimentar a própria destruição como um prazer estético de primeira ordem”. De fato, a política fascista é baseada unicamente na substituição do debate, o sustentáculo de qualquer democracia minimamente estável, pela paixão (Paxton, 2007, p. 39). Os homens-massa são movidos pela paixão, pela pura sensação causada pela estetização da política (Schargel 2023, p. 66)

Embora não sejam considerados fascistas no sentido clássico, a *alt-right* compartilha muitos elementos do ideário idealizado de "poucos contra muitos" e o "sacrifício pela causa", romantizado pelo fascismo. Nesta guerra cultural, o alvo do público são os filmes associados à cultura *woke*, termo originado na comunidade afro-americana dos EUA nos anos 1960, designando os estão despertos para as lutas sociais. Amplamente difundido durante os protestos do *Black Lives Matter* em 2013, a aceitação popular leva ao surgimento do "*woke capitalism*", com produtos mercadológicos abraçando a inclusão, o que irrita o público conservador. Segundo Nagle (2017, p. 14), Trump legitima a ascensão da *alt-right* na internet como resposta à política identitária da chamada "esquerda universitária" e sua estratégia de "cancelar" (*calling out*) os que têm opiniões politicamente incorretas, resultando em uma visão amarga de declínio rápido da civilização ocidental. O termo *woke* passa a ser usado pelos conservadores como "falso moralismo" ou sinalização de virtude (*virtue signaling*), questionando a sinceridade de quem apoia causas progressistas.

Nos anos recentes, causas progressistas dominaram o imaginário popular através, por exemplo, de debates altamente publicados sobre racismo, casamento entre o mesmo sexo, mudanças climáticas e equidade de gênero. Aqueles que não acreditam neles, no entanto, responderam não por apenas fazendo contra-argumentos razoáveis mas tentando minar a sinceridade das pessoas que fizeram os argumentos originais.(...) Depreciar pessoas como woke para desacreditar as posições políticas que advogam é um exemplo primário de argumento ad hominem. Ao invés de engajar em uma discussão honesta sobre os temas, a credibilidade da pessoa que a levanta é trazida à questão. (Rhodes, 2021, p. 3-4)

A guerra contra a cultura "*woke*" e políticas identitárias, conhecida como "lacração" no Brasil, resultou em ataques a empresas que adotaram abordagens progressistas. No cinema, obras como *Caça-Fantasmas* (2016), *Capitã Marvel* (2019), *As Marvels* (2023), *Barbie* (2023) e a série *O Senhor dos Anéis: Os Anéis do Poder* (2022) foram alvo de estratégias como os bombardeios de críticas negativas, ou *review bombing*¹¹, e o uso da expressão "*go woke, go broke*" (quem lacra, não lucra) para sugerir falta de interesse do público.

Outro exemplo da guerra cultural se vê no sucesso do filme independente *O Som da Liberdade* (2022), que aborda a criação da organização Underground Railroad pelo ex-agente da CIA Tim Ballard para enfrentar tráfico de menores

¹¹ START Explica: "Review bombing" e o protesto dos "haters" . Disponível em: <https://www.uol.com.br/start/ultimas-noticias/2019/07/04/review-bombing-protestando-atraves-das-notas.htm>. Acesso em 27 jan. 2024.

na América Latina. Apesar do sucesso, o filme enfrentou críticas por difundir ideias do grupo extremista QAnon, com o ator Jim Caviezel endossando teorias de conspiração de sacrifícios humanos¹². Defensores alegam boicote da Disney, que engavetou o filme após adquirir a *Fox*, vendendo-o posteriormente ao estúdio religioso *Angel Studios*, e também de sessões suspensas de última hora e mesmo eventuais contradições, como distribuição de ingressos grátis e acusações de abuso contra Tim Ballard, não afastam defensores da narrativa de ser um filme "contra o sistema".

O futuro da guerra cultural entre os que buscam entretenimento cinematográfico sem política e os progressistas acusados de falso moralismo, praticando o "cancelamento", é incerto. E qual resposta o cinema vem dando a essas questões?

Qual o Remédio Contra a Pílula?

No filme *Barbie* (2023), o personagem Ken, interpretado por Ryan Gosling (intérprete de ícones *Sigma* como *Drive* e *Blade Runner 2049*), serve como uma paródia às ideias de rebelião masculina da *red pill*, MGTOW e dos *Sigma*. Ken, angustiado por competir por espaço com outro Ken, interpretado por Simu Liu, muda de ideia ao visitar o mundo real dominado por homens e tenta instaurar um patriarcado na "Barbielândia", dominada por mulheres. O ápice ocorre na cena musical *I'm Just Ken*, que satiriza a angústia inicial com versos que destacam a autoaceitação e a fraternidade ("Eu sou apenas o Ken, e sou suficiente"). Essa abordagem irônica da rebelião masculina organizada é apontada pela diretora Greta Gerwig como uma crítica aos padrões impossíveis impostos a ambos os gêneros¹³.

Já o filme *O Mistério de Silver Lake* (2018), um *neo-noir* centrado em Sam, um jovem desmotivado em busca de sexo fácil e envolvido em teorias conspiratórias, contrasta com a jornada redentora de Barbie em "Barbielândia". Ao perseguir uma mulher desaparecida, Sam testemunha eventos perturbadores, confirmando suas teorias de conspiração sobre o

¹² How Sound of Freedom Misrepresents Its Subject—and Why the Movie Is So Seductive. Disponível em: <https://slate.com/news-and-politics/2023/07/sound-of-freedom-caviezel-ballard-trafficking-conspiracies.html>. Acesso em 27 jan. 2024

¹³ How hilarious 'Barbie' earworm 'I'm Just Ken' brings toxic masculinity to its knees. Disponível em: <https://www.latimes.com/entertainment-arts/movies/story/2023-07-28/barbie-movie-ryan-gosling-im-just-ken-lyrics-dance-moves-explained>. Acesso em: 27 jan. 2024.

controle da cultura pela elite. No entanto, o protagonista é incapaz de reagir efetivamente, falhando em resolver seus próprios problemas e relacionando-se de maneira frívola com mulheres, além de sentir-se ameaçado por uma assombração feminina. O filme desconstrói as performances de poder fálico dos que se consideram desempoderados, ilustrando a impotência do protagonista em suas ações agressivas e frustradas, enquanto explora uma perspectiva mais complexa sobre o olhar erótico dominante sobre as mulheres.

À medida que o espectador se identifica com o protagonista masculino principal, ele projeta seu olhar naquele de sua espécie, seu substituto na tela, de modo que o poder do protagonista masculino enquanto ele controla os acontecimentos coincide com o poder ativo do olhar erótico, ambos dando uma sensação satisfatória de onipotência. (Mulvey, 2013, n.p.)

O Mistério de Silver Lake, ao adotar a perspectiva do homem que objetifica as mulheres, representa o voyeurismo escopofílico conceituado por Mulvey em seu clássico trabalho *Visual Pleasure and Narrative Cinema* (2013). Nesse contexto, a mulher deixa de ser associada à castração para ser tratada como um objeto erótico, manifestado em imagens como capas de revistas e vizinhas observadas pela janela. Assim, o filme reflete a misoginia presente na cultura popular, na qual as mulheres são empoderadas apenas como prêmios para os vencedores da "selva" contemporânea, apesar de esse poder performático não se traduzir em poder real.

Considerações Finais

Este artigo explorou como as subculturas, especialmente a *manosfera*, reinterpretam a cultura popular, utilizando filmes como instrumentos para promover valores tradicionais e ascender como força contracultural no atual cenário político, revelando como uma recusa da politização, reflexo da prática neoliberal de reivindicar uma verdade única ao analisar o mundo, torna-se uma ideologia em si mesma.

Em muitas interpretações dos públicos de extrema direita, a figura do "sigma", o herói silencioso e forte, emerge da massa para libertar os homens de forças opressivas, preenchendo o vazio da experiência contemporânea em um *marketing* semelhante ao dos políticos *anti-establishment* do mundo real, que cultivam a fantasia de "homens tradicionais" reivindicando um lugar perdido. A cultura memética desempenha um papel crucial ao conectar o real e a fantasia. Canalizam-se, assim, as pressões enfrentadas pelos homens,

empodera-se o masculino e nega-se o feminino, transformando ansiedade pessoal em arma política.

Por fim, foram apresentados exemplos de como a arte pode abordar perigos da radicalização no extremismo político associado à *manosfera* por meio de produções que adotam perspectivas conciliatórias ou obras que propõem a desconstrução radical do olhar cinematográfico como um olhar apropriador. Ambas refletem a reação diante de um problema complexo: a persistência da guerra cultural como frente de batalha política, travada nas bilheterias e nos recônditos *online*, em articulações cada vez mais sofisticadas.

Bibliografia

ANTI-DEFAMATION LEAGUE. Pepe the Frog. Disponível em: <https://www.adl.org/resources/hate-symbol/pepe-frog>. Acesso em: 27 jan. 2024.

BAX, Ernest Belfort. **The fraud of feminism**. London: Grant Richards Ltd., 1913.

_____. **The legal subjection of men**. London: The New Age Press, 1908.

BEALE, Theodore Robert. **Explaining sigma. Again**. Vox Popoli, 16 maio 2010. Disponível em: <https://voxday.net/2010/05/16/explaining-sigma-again/>. Acesso em: 29 maio 2026.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **A obra de arte na era de sua reproduzibilidade técnica**. Porto Alegre: L&PM, 2018.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio: uma política do performativo**. 1. ed. São Paulo: UNESP, 2021.

CASTRO ROCHA, João Cezar de. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. Goiânia: Caminhos, 2021.

COLON, Alexander. What are “Literally Me Movies”? Disponível em: <https://literallymemovies.com/what-are-literally-me-movies/>. Acesso em: 27 jan. 2024.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 2005.

DIÓGENES CLUB. Valor sexual de mercado: como você pode se tornar mais atraente aumentando seu valor? Disponível em: <https://diogenesclub.com.br/o-significa-vsm-valor-sexual-mercado/>. Acesso em: 19 jan. 2024.

HALL, Stuart. Encoding and Decoding in the Television Discourse. In: GRAY, Ann; CAMPBELL, Jan; ERICKSON, Mark; HANSON, Stuart; WOOD, Helen (eds.). **CCCS Selected Working Papers**. London: Routledge, 1980.

HORTA RIBEIRO, Manoel; BLACKBURN, Jeremy; BRADLYN, Barry; CRISTOFARO, Emiliano de; STRINGHINI, Gianluca; LONG, Summer; ZANNETTOU, Savvas. The evolution of the manosphere across the web. **Proceedings of the International AAAI Conference on Web and Social Media**, v. 15, n. 1, p. 196–207, 2021. DOI: 10.1609/icwsm.v15i1.18053.

HUNTER, James Davison. **Culture wars: the struggle to define America**. New York: Basic Books, 1991.

JOHANSEN, Jacob. **Fantasy, online misogyny and the manosphere: male bodies of dis/inhibition**. London: Routledge, 2022.

KELLY, Megan; DIBRANCO, Alex; DECOOK, Julia R. Misogynist Incels and Male Supremacism: Overview and Recommendations for Addressing the Threat of Male Supremacist Violence. Disponível em:

<https://www.newamerica.org/political-reform/reports/misogynist-incels-and-male-supremacism/>. Acesso em: 27 jan. 2024.

KNOW YOUR MEME. Literally Me Syndrome. Disponível em: <https://knowyourmeme.com/memes/literally-me-syndrome>. Acesso em: 29 maio 2026.

KNOW YOUR MEME. Sigma Males. Disponível em: <https://knowyourmeme.com/memes/sigma-males>. Acesso em: 29 maio 2026.

KOLVRAA, Christopher; FORCHTNER, Bernhard. **Imagining Alternative Worlds: Far-Right Fiction and the Power of Cultural Imaginaries**. London: Routledge, 2025.

LOHREY, Amanda. **Voting for Jesus: Christianity and Politics in Australia**. Melbourne: Black Inc., 2006.

LOS ANGELES TIMES. How hilarious ‘Barbie’ earworm ‘I’m Just Ken’ brings toxic masculinity to its knees. 28 jul. 2023. Disponível em: <https://www.latimes.com/entertainment-arts/movies/story/2023-07-28/barbie-movie-ryan-gosling-im-just-ken-lyrics-dance-moves-explained>. Acesso em: 27 jan. 2024.

MANDEL, Ernest. **O capitalismo tardio**. São Paulo: Abril, 1982.

MARWICK, Alice; LEWIS, Rebecca. **Media Manipulation and Disinformation Online**. New York: Data & Society Research Institute, 2017.

METZ, Christian. **O significante imaginário: psicanálise e cinema**. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

MINA, An Xiao. **Memes to Movements: How the World's Most Viral Media Is Changing Social Protest and Power**. Boston: Beacon Press, 2019.

MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. In: RAMOS, Fernão (org.). **Teoria contemporânea do cinema: documentário e narratividade ficcional**. Campinas: Papius, 2019. p. 105-119.

NAGLE, Angela. **Kill All Normies: Online Culture Wars from 4Chan and Tumblr to Trump and the Alt-Right**. Alresford: Zero Books, 2017.

O GLOBO. Morte de guarda municipal petista em festa de aniversário temática do PT repercute na imprensa internacional. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/07/morte-de-guarda-municipal-petista-em-festa-de-aniversario-tematica-do-pt-repercute-na-imprensa-internacional.ghtml>. Acesso em: 27 jan. 2024.

O TEMPO. 'Apagão sexual': atual geração de jovens faz menos sexo do que as anteriores. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/interessa/apagao-sexual-atual-geracao-de-jovens-faz-menos-sexo-do-que-as-antiores-1.2448618>. Acesso em: 27 jan. 2024.

PAYNE, Cynthia. **Red Pill Ideology: Lifting the Shiny Wrapping from the Manosphere**. Independently Published, 2022.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RHODES, Carl. **Woke Capitalism: How Corporate Morality Is Sabotaging Democracy**. Bristol: Bristol University Press, 2021.

SCHARGEL, Sergio. **O fascismo infinito, no real e na ficção**. Rio de Janeiro: Bestiário, 2023.

SLATE. How Sound of Freedom Misrepresents Its Subject—and Why the Movie Is So Seductive. Disponível em: <https://slate.com/news-and-politics/2023/07/sound-of-freedom-caviezel-ballard-trafficking-conspiracies.html>. Acesso em: 27 jan. 2024.

THE FIELDWORK GROUP. The Experience of Work. In: GRAY, Ann; CAMPBELL, Jan; ERICKSON, Mark; HANSON, Stuart; WOOD, Helen (eds.). **CCCS Selected Working Papers**. London: Routledge, 1980.

THEWELEIT, Klaus. **Männerphantasien I: Frauen, Fluten, Körper, Geschichte**. Hamburg: Rowohlt, 1982.

THOMPSON, Shawn. The “Literally Me” Genre Of Movies. 2023. Disponível em: <https://lastmovieoutpost.com/the-literally-me-genre-of-movies/>. Acesso em: 27 jan. 2024.

UOL ECONOMIA. Desemprego, segurança e custo de vida preocupam geração Z e millennials. 1 jun. 2022. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2022/06/01/desemprego-seguranca-custo-de-vida-geracao-z-millennials.htm>. Acesso em: 27 jan. 2024.

UOL NOTÍCIAS. 'Deus, Pátria, Família': de onde veio o lema fascista usado por Bolsonaro? 29 ago. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/08/29/deus-patria-familia-lema-de-bolsonaro-tem-origem-fascista-entenda.htm>. Acesso em: 27 jan. 2024.

UOL START. START Explica: "Review bombing" e o protesto dos "haters". 4 jul. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/start/ultimas-noticias/2019/07/04/review-bombing-protestando-atraves-das-notas.htm>. Acesso em: 27 jan. 2024.

WAAL, Frans de. **Chimpanzee politics: power and sex among apes**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1989.

YOUNG-BRUEHL, Elisabeth. **The anatomy of prejudice**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1996.ai/overview.html>. Acesso em 10 de março de 2025.

ANDREW, James Dudley. **Concepts in Film Theory**. Nova Iorque : Oxford University Press, 1984.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Análisis Del Film**. 2.ed. Barcelona: Paidós, 1993.

BAZIN, André. Critical Stance: Defense of Adaptation. In: ANDREW, James Dudley. **André Bazin on Adaptation: Cinema's Literary Imagination**. Berkeley : University of California Press, 2022. P. 81-82.

BLACK FOREST LABS. FLUX.1-schnell. Disponível em: <<https://huggingface.co/black-forest-labs/FLUX.1-schnell>>. Acesso em 30/04/2025.

BLOCK, Alexis Ben.; WILSON, Lucy Autrey. **George Lucas's Blockbusting**: A Decade-by-Decade Survey of Timeless Movies Including Untold Secrets of Their Financial and Cultural Success. New York: It Books, 2010.

Recebido em: 31/03/2026

Aceito em: 10/07/2026